



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE HISTÓRIA

NATHÁLIA RODRIGUES DE LIMA

**ENTRE ESCOMBROS, CINZAS E PARANÓIAS:** Uma análise dos impactos dos  
atentados do 11 de setembro de 2001 sobre a sociedade estadunidense

BELÉM - PA  
2025

NATHÁLIA RODRIGUES DE LIMA

**ENTRE ESCOMBROS, CINZAS E PARANÓIAS: Uma análise dos impactos dos atentados do 11 de setembro de 2001 sobre a sociedade estadunidense**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, Campus Guamá, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Dr. Ivo Pereira da Silva.

BELÉM - PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

L732e Lima, Nathália Rodrigues de.  
Entre escombros, cinzas e paranóias : Uma análise dos impactos dos atentados do 11 de setembro de 2001 sobre a sociedade estadunidense / Nathália Rodrigues de Lima. — 2025.  
23 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Ivo Pereira da Silva  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de História, Belém, 2025.

1. Terrorismo. 2. Guerra ao Terror. 3. Sonho Americano. I.  
Título.

CDD 973

---

NATHÁLIA RODRIGUES DE LIMA

**ENTRE ESCOMBROS, CINZAS E PARANÓIAS:** Uma análise dos impactos dos atentados do 11 de setembro de 2001 sobre a sociedade estadunidense e seus ecos no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, Campus Guamá, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Dr. Ivo Pereira da Silva.

Data de aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Conceito:

**Banca Examinadora:**

---

Presidente da Banca Examinadora

Dr. Ivo Pereira da Silva - FAHIS/UFPA

---

Membro interno

Me. Alan da Silva Dias - UFPA

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que permitiu que tudo acontecesse, não somente nestes anos como universitária, como ao longo da minha vida, e que em todos os momentos é o Senhor da História.

À minha família, meus pais, Daniel e Regina, e meu irmão, Tháles, que sempre estiveram presentes, me guiando com sabedoria, paciência e palavras de encorajamento. Quero agradecer pelo apoio, força, amor, e por todo o esforço de gravar a palavra da Verdade em meu coração. Sou grata a Deus, pela dádiva de ter nascido nessa família. Cada palavra é um ato de gratidão a vocês, por tudo que me ensinaram e continuam ensinando a cada dia, muito obrigada. Eu sou vocês!

Ao meu noivo, Lucas, que compartilhou comigo não apenas as risadas, mas também as lágrimas, obrigada por celebrar cada pequena conquista e por me ajudar em cada desafio com gentileza e cuidado. Meu coração é repleto de gratidão e amor por você.

Ao querido orientador Ivo Silva, é com muita admiração e carinho que gostaria de expressar meu muito obrigada por toda dedicação que depositou.

Aos amigos, especialmente, Alessandra, João, Liandra, Steffany e Thalyson, as risadas que compartilhamos durante todo o curso me ajudaram a passar por ele. Obrigada por tudo, este trabalho também é de vocês!

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

Soli Deo gloria!

## RESUMO

Os atentados do 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos constituem um dos principais estopins para diversas mudanças no cenário nacional e internacional, como a crise do Sistema Internacional, a declaração da “Guerra ao Terror” por Georg W. Bush e a elaboração de narrativas internas para justificar as intervenções estadunidenses nas mais diversas áreas do globo. Partindo disso, objetivamos entender quais foram as consequências internas na sociedade estadunidense do pós 11 de setembro, e em como isso estava ligado com aspectos do chamado “American Dream” e o “American way of life”.

Palavras-chave: Terrorismo; Guerra ao Terror; sonho americano

## ABSTRACT

The terrorist attack of September 11, in 2001 in the United States is one of the main events for several changes on the international scene, such as the International System crisis, the "War on Terror" declaration by Georg W. Bush and the elaboration of both internal and external narratives to justify American interventions in the most different globe areas. Based on this, we aim to understand which narratives these were, more specifically which discourses were used after the September 11 in the USA, and how this was linked to aspects of the so-called "American dream" and “American way of life”.

Keywords: Terrorism, War on Terror, American dream.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. OS ANOS 90: A ANTESSALA DO 11 DE SETEMBRO.....</b>	<b>7</b>
<b>3. A MANHÃ DE 11 DE SETEMBRO DE 2001.....</b>	<b>9</b>
<b>4. A FRATURA: CONSEQUÊNCIAS, TRAUMAS E O PÓS 11 DE SETEMBRO.....</b>	<b>11</b>
<b>5. A RECONFIGURAÇÃO DO AMERICAN DREAM?.....</b>	<b>15</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“(…) algo de misterioso que a sociedade americana oferece, como a lâmpada que atrai as mariposas”

(Tota)

Desde a declaração de sua independência em 4 de julho de 1776, os Estados Unidos da América têm construído uma autoimagem associada a valores como liberdade, democracia, individualidade e oportunidades para todos. A doutrina do Destino Manifesto, frequentemente citada no século XIX, e a ideia de excepcionalidade americana se refletem na história e nos discursos de diversas figuras políticas do país, servindo para justificar ações de expansão e imposições políticas, econômicas e socioculturais sobre outras nações (KARNAL, 2007). Neste contexto, analisaremos as ações políticas dos EUA ao longo da transição do século XX para o XXI, focando nos anos 90, a fim de compreender sua atuação no Oriente Médio e a busca por influência sobre os recursos petrolíferos da região, bem como as repercussões que culminaram nos Atentados de 11 de setembro de 2001.

Dessa forma, a abordagem de "História do Tempo Presente", aplicada neste artigo, concentra-se na investigação das dinâmicas sociais, culturais e políticas contemporâneas em resposta a eventos recentes, permitindo uma análise aprofundada das repercussões imediatas e das transformações que acompanharam os ataques, considerando como eles moldaram a narrativa nacional e influenciaram a sociedade estadunidense. Ao examinarmos a construção de significados e as respostas coletivas ao trauma, a perspectiva de História do Tempo Presente enfatiza a relevância das narrativas vividas e compartilhadas, bem como, a formação de identidades sociais em contextos críticos.

Considerado o maior atentado terrorista da história dos EUA, com cerca de 3 mil mortos, o ataque mudou a política externa estadunidense, deu origem à Doutrina Bush, à Guerra no Afeganistão (2001), o acirramento dos conflitos no Iraque (2003) e às novas diretrizes políticas de segurança nacional, como o aumento da segurança em aeroportos de todo o mundo. Portanto, as consequências deste atentado são sentidas até hoje, como a crescente islamofobia, os impactos em Hollywood, na mídia televisiva, na literatura e na historiografia estadunidense quando tratam do atentado, ainda são assuntos espinhosos, além do questionamento acerca do “o que restou do american dream?”.

É deste ponto que enveredamos nesta discussão, pois tal qual como o símbolo da águia de cabeça branca, marca e emblema dos EUA desde 1787, imponente na natureza,

sem predadores naturais, aprumada com suas asas da liberdade e pronta para o ataque, os EUA construíram sua imagem nesta ótica, sobrepujados por aquilo que Eliana Reis (2001) descreve como “o individualismo inspirado na idéia emersoniana de autoconfiança (self-reliance) e de idealização da natureza”<sup>vi</sup> fortemente atrelada aos valores capitalistas e no individualistas. É essa imagem de esperança e liberdade, frequentemente promovida pelos estadunidenses desde a fundação do país, que se tornou um alvo para os terroristas da Al-Qaeda<sup>ii</sup>, resultando na perda de mais de 3 mil vidas em 11 de setembro de 2001, na cidade de Nova York. Essa tragédia trouxe mudanças significativas a uma sociedade caracterizada por valores individualistas, capitalistas e materialistas, levando a reflexões sobre a natureza do ego nacional e suas implicações.

Tomando como ponto de partida o contexto “pré 11 de setembro”, ou seja, os anos 90 e os conflitos no Oriente Médio, buscamos destacar como essas ações contribuíram para a violenta retaliação que culminou nos atentados às torres gêmeas na manhã de 11 de setembro de 2001. Posteriormente, as consequências socioculturais ganharão o palco da discussão.

## **2. OS ANOS 90: A ANTESSALA DO 11 DE SETEMBRO**

"(...) Juro por Deus que os Estados Unidos nunca mais conhecerão a segurança, antes que a Palestina a conheça, e antes que todos os exércitos ocidentais ateus saírem das terras santas (do Islã)”

(Bin Laden)

É nos pós Segunda Guerra Mundial, e com a escalada da Guerra Fria, que os EUA emergem com pompa, delegando a si o papel de farol da liberdade e propagador da democracia<sup>iii</sup> pelo globo. O papel de “líder mundial” acarretou na crescente busca por matérias primas - como o petróleo - essenciais para a economia nacional, visto a alimentar o setor industrial do país. Essa busca se corporifica em 1960 ao objetivar hegemonia política e econômica no Oriente Médio. Para isso, apoia países como a Arábia Saudita e o Estado de Israel buscando aliados e suporte em suas políticas intervencionistas na região, visto que o território possuía reservas imensas de petróleo. Um exemplo disso é quando os Estados Unidos buscaram a colaboração da monarquia reacionária para ajudar na organização de golpes de Estado no Irã (em 1953) e no Iraque (em 1962), que resultaram

na ascensão de grupos mais alinhados aos interesses americanos<sup>iv</sup>. O resultado dessas ações foi o surgimento de conflitos intensos na região, o que, por sua vez, contribuiu para o aumento de tensões e descontentamento entre a população muçulmana global em relação às políticas estadunidenses<sup>v</sup>.

A queda do regime soviético em 1991 abriu espaço para a hegemonia mundial do capitalismo e dos valores norte-americanos, apesar de não possuir sozinho o título de país imperialista neste período, os EUA consolidam-se no topo dessa hierarquia<sup>vi</sup>. Isso terá consequências na primeira Guerra do Golfo em 1991, que teve início após o Iraque, liderado por Saddam Hussein, invadir o território de Kuwait, conclamando-o para si. A região possuía cerca de “10% das reservas petrolíferas mundiais e que, no passado, pertenceu ao território iraquiano”<sup>vii</sup>. Nesse contexto, os Estados Unidos, em colaboração com a ONU, lideraram várias intervenções no território iraquiano por meio de resoluções que restringiram as ações do Iraque e limitaram suas atividades no Oriente Médio.

Essas resoluções tiveram um impacto significativo na situação no país, como a Resolução 687 de 1991, que implementou embargos econômicos e agravou a crise humanitária ao proibir a entrada de itens essenciais, como medicamentos, alimentos e cloro para tratamento de água. Andrew Traumann (2008)<sup>viii</sup> analisa os efeitos dessas resoluções na população local, destacando que, “além da fome, o embargo trouxe de volta doenças que estavam erradicadas do país há anos”<sup>ix</sup>. Traumann também menciona a destruição da infraestrutura de abastecimento de água iraquiana, sugerindo que essa devastação não ocorreu por acaso, mas fazia parte de uma estratégia política mais ampla. O objetivo seria estimular insatisfações internas em relação ao governo de Saddam Hussein, o que acabaria contribuindo para tentativas de derrubada do regime. Essa análise evidencia a complexidade da situação no Iraque, que envolve não apenas as consequências diretas dos embargos, mas também as dinâmicas de poder e os interesses políticos subjacentes nas intervenções externas.

Os interesses americanos adentravam o Oriente Médio, monopolizavam as reservas de petróleo no Golfo Pérsico e “procuraram fortalecer as capacidades militares dos seus aliados na região, notadamente a Arábia Saudita e o Kuwait”<sup>x</sup> visando mitigar as ações dos Estados locais sobre essa matéria prima - como o Irã e o Iraque. Porém, é em 11 de setembro de 2001, que o evento significativo ocorre, encabeçados por um líder extremista da região, Osama Bin Laden, guia da organização terrorista Al-Qaeda<sup>xi</sup>, quatro aviões comerciais são sequestrados dentro dos EUA por integrantes do grupo e lançados contra o World Trade Center - conhecidas como As Torres Gêmeas - e o Pentágono.

Os motores de Osama Bin Laden para o ataque se dão na exigência do fim da atuação ocidental no Oriente Médio. Paula Ebraico (2005) discorre sobre as alegações da Al-Qaeda e do movimento extremista e salienta que as interferências na cultura, religião e pela presença militar estadunidense na região, foram as “justificativas” da organização e dos ataques.

O 11 de setembro de 2001 marcou um ponto culminante nas exigências de Osama Bin Laden, que havia declarado uma Guerra Santa contra os Estados Unidos na década de 1990. Antes desses ataques, ele havia promovido atentados direcionados às embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia. Em vídeo divulgado por uma rede de televisão do Qatar em 7 de outubro de 2001, após o atentado, Osama Bin Laden declara que “os Estados Unidos nunca mais conhecerão a segurança, antes que a Palestina a conheça.”<sup>xii</sup> É deste ponto que se partiu os atentados e se posicionou o líder da Al-Qaeda. Porém, é nos elementos daquele fatídico dia, o dia em que “o vento mudou de direção”<sup>xiii</sup>, segundo a jornalista Simone Duarte, que reside a discussão.

### **3. A MANHÃ DE 11 DE SETEMBRO DE 2001**

“Um segundo avião atingiu a segunda torre, os EUA estão sendo atacados”

9:05 am, 11 de setembro de 2001.

Uma manhã de verão em Boston, terça, 11 de setembro de 2001, com condições técnicas e climáticas agradáveis para um voo de sucesso com destino a Los Angeles. Dispondo de tanques de gasolina completamente cheios para atravessar da costa leste a oeste do país, encontravam-se duas aeronaves preparadas para a viagem. No aeroporto Internacional Logan (Boston), uma esteira de Raio X rastreou objetos suspeitos nas bagagens de mão de cinco homens – Mohamed Atta, Satam al Suqami, Wail al Shehri, Abdul al Omari, e Waleed al Shehri – porém, nenhum dos operadores do posto de controle contactou de volta os proprietários dessas malas, ou relatam qualquer suspeita na triagem. Quatro desses cinco homens, foram selecionados pelo CAPPSS – Computer-Assisted Passenger Prescreening System – um sistema capaz de identificar possíveis ameaças domésticas e internacionais nos Estados Unidos, criado no final dos anos 1990, como resposta à ameaça terrorista, entretanto, esse fator não afetou o embarque. O voo AA11, da empresa American Airlines, decolou às 7 horas e 59 minutos, comportando 11 tripulantes, 76 passageiros e 5 terroristas. Às 8 horas e 14 minutos, apenas 15 minutos após sua decolagem, o voo AA11 é sequestrado, mudando radicalmente sua rota, rumo a

Nova York. Simultaneamente a hora em que o voo AA11 é sequestrado, do mesmo aeroporto em Boston, o voo UA 175, da empresa United Airlines, decola, planejando também cruzar toda a extensão do país, com o exato destino, Los Angeles. O voo UA 175 continha 9 tripulantes, 51 passageiros e 5 terroristas. Às 8h14, logo após o sinal de atar o cinto ser desligado, os terroristas assumem o controle do voo AA11, invadindo a cabine de comando, que, na época, era extremamente frágil. Com o dispositivo de comunicação do avião desligado, chamado transponder, o posto de controle de Boston perde o contato com o voo AA11. Cinco minutos após o sequestro, a comissária número 3, Beth Ong, consegue entrar em contato com a Central de Reservas da empresa para relatar a situação, em uma ligação de 25 minutos.

A partir deste momento, a empresa American Airlines tratou a situação como algo criminoso e acionou seu plano de ação. Às 8h25, o terrorista Atta – que pilotava o avião - entra em contato com o Centro de Controle de Boston, acreditando que contactava os passageiros, afirmando que tudo ficaria bem, se eles se mantivessem calmos e em seus assentos, porém, exatamente às 8 horas e 46 minutos, seguindo pelo rio Hudson, o voo AA11, colide contra a torre norte do World Trade Center, símbolo econômico estadunidense, entre os andares 93º e 99º, com cerca de 39 mil litros de gasolina<sup>xiv</sup> se espalhando pelos andares inferiores. Entre um tumulto de fogo, destroços, feridos e mortos, o corpo de bombeiro nova iorquino, completamente despreparado para um caso de um avião atingir um prédio, entra em ação buscando salvar o máximo de pessoas possível, em custo de, na maior parte dos casos, suas próprias vidas.

Porém, longe do pesadelo acabar, que até então, a população estadunidense enxergava como um acidente – apenas 17 minutos depois do primeiro avião atingir a torre norte – às 9 horas e 3 minutos, o voo UA 175 atinge a torre sul em um ângulo crítico entre os andares 77º e 85º, colidindo a uma velocidade maior do que a do voo AA11, o que causou o desabamento mais veloz, às 09h59 – e o desabamento da torre norte , às 10h29 – transformando o limpo céu azul de Nova York, em uma nuvem de poeira, escombros, e elementos tóxicos. No caso da torre sul, o ataque foi televisionado<sup>xv</sup>, o mundo inteiro estava assistindo ao maior ataque terrorista aos Estados Unidos, um dia impossível de esquecer. Com a segunda colisão, a consciência de que os EUA estavam sob ataque tomou toda a população, e o presidente George W. Bush é avisado. A derrubada das Torres Gêmeas ceifou 2.996 vidas, incluindo passageiros, trabalhadores do World Trade Center, socorristas, bombeiros, terroristas e pessoas que estavam próximas.

Chega-se ao terceiro capítulo deste dia, o impacto do pentágono, representando a destruição de um símbolo militar americano. Após o segundo ataque, as forças de segurança dos EUA entendem que não era possível saber, com rapidez, se, quando ou onde seria o próximo alvo, tornando todas as aeronaves suspeitas. Porém, os cinco terroristas – dentre os quais três foram acionados pelo CAPPs, e dois detectados no sistema de raio X, mas sem nenhuma detenção – já tinham partido do aeroporto internacional de Washington, às 08h20 da manhã, no voo AA77. Às 08h51, o avião foi sequestrado usando facas e isolando os 51 passageiros no fundo da aeronave, e 4 minutos depois o transponder foi desligado. Por meio dos telefones que existiam nos assentos da aeronave, a passageira Barbara Olson consegue entrar em contato com o marido Ted Olson e é avisada dos dois ataques anteriores. Assim, às 09h37, a 800 km/h o AA77 atinge a fachada oeste do pentágono, despejando mais de 16 mil litros de gasolina no edifício, ocasionando uma grande explosão e levando a vida de mais de 180 pessoas.

A partir do terceiro impacto, a base da força aérea de Andrews, enviou caças F16 para proteger o espaço aéreo da capital e arredores. O morador de Potomac, Paul Gleiberman, afirmou em entrevista que “A partir de meio-dia, mais ou menos, a gente começou a ouvir e ver os jatos militares sobrevoando e fazendo manobras de proteção, e isso continuou por dois ou três dias” (AVIOES E MUSÍCA, 2023).

Caminhando para o fim desse dia de terror, temos o voo United Airlines 93, tendo por destino o capitólio, o símbolo político do país. O voo UA92 se destacou como símbolo de coragem, e seus passageiros ficaram conhecidos como “os primeiros heróis”. Assim como nos voos anteriores, os terroristas intentavam embarcar por volta das 07h30 da manhã, entretanto, por conta de um atraso na decolagem, o embarque só foi possível por volta das 07h45, dessa forma, os passageiros puderam ter conhecimento dos ataques anteriores. Assim, os quatro sequestradores adentram a 1ª classe, com 53 passageiros e 6 tripulantes, mas o voo o UA93 decolou apenas às 08h42, por conta do tráfego no aeroporto. Às 09h28 a cabine dos pilotos consegue ser invadida, mas não antes dos pilotos conseguirem enviar o pedido de socorro “MAYDAY”<sup>xvi</sup> para o controlador de tráfego aéreo.

Por conta dos telefones existentes a bordo, os passageiros puderam entrar em contato com seus familiares e ter informações do que estava acontecendo naquele dia. Assim, por meio de uma votação, eles decidem reagir. E às 09h58 o terrorista no comando do avião aponta para ser companheiro que ele deve bloquear a porta da cabine, passa a fazer manobras bruscas e mergulhou o avião, estabilizando-o às 10h. porém, às 10h02, a

mando de seu comparsa, o sequestrador derruba o avião exclamando “Alá é o maior”, em um campo na Pensilvânia.

É importante notarmos que, apesar do grupo terrorista ter tido 8 anos de preparação e organização do episódio, os EUA tiveram apenas cerca de 60 minutos de reação ao ataque.

#### **4. A FRATURA: CONSEQUÊNCIAS, TRAUMAS E O PÓS 11 DE SETEMBRO**

O dia 12 de setembro de 2001 amanheceu com seus jornais repletos de fotos referentes a tragédia do dia anterior. Entretanto, algumas fotos específicas impactaram a população estadunidense de uma forma diferente, gerando aversão e revolta generalizada. Essas fotos retratam o momento em que, algumas das vítimas do atentado às torres, decidiram que a forma que eles iriam morrer, seria pulando das torres. Uma terrível queda assistida de 10 segundos, levando-os à morte certa, uma queda de quase meio quilômetro. Uma decisão repleta de coragem e desespero, aflição e bravura, que revoltou uma América fundada nas bases do “ideal americano”, que sempre se viu como a nação intocável e moralmente correta. A terra da oportunidade, dos grandes negócios e do esforço individual como combustível para o sucesso é a premissa do ideal/sonho/jeito de viver americano, uma espécie de religião civil que o sociólogo norte-americano Robert Bellah (1975) afirma ser o “compartilhamento de determinados valores e princípios morais entre os membros da sociedade a fim de manter a coesão, o pacto social que mantém uma coletividade coesa”<sup>xvii</sup>.

Assim como na obra de Muller (2017), Ebraico Reis (2005) aprofunda esse sentimento de impotência no pós atentado relacionando com a fratura no tecido social estadunidense, pois é na perda de seus símbolos, majoritariamente criados e forjados para identificar e dar sentido ao sentimento de nação, que o trauma ocidental discutido por Muller se faz latente. É na queda das duas maiores torres de Nova York que fica claro aos norte-americanos que não há uma cúpula que os protege da realidade do mundo. A propriedade privada, tão comum ao american way of life é lançada ao chão, “as Torres Gêmeas ao serem atacadas, jogadas ao chão é como se o outro tivesse entrado no quintal e arrancado todas as flores”<sup>xviii</sup>. É essa coesão social, a coletividade coesa de Bellah que mantém o american dream em pé no pré 11 de setembro, e com este duro golpe a sociedade estadunidense é momentaneamente soterrada com os escombros, cinzas e troços pelos mais de 3 mil cadáveres após a queda das torres.

O caso dos jumpers, materializado na foto intitulada *The Falling Man*, por Richard Drew, mostra Jonathan Briley<sup>xix</sup>, engenheiro de som de 43 anos, caindo em queda livre. Todas as fotos tiradas e publicadas dos jumpers foram um impacto para a sociedade, entretanto, essa foto em específico causou mais revolta do que as outras, um homem caindo em perfeito estado de calma. Contrariando todo o horror vivido, o autor da fotografia decide que precisa estampar tal registro nos jornais para ajudar a América a aprender e recordar do dia mais obscuro que presenciaram. “*The Falling Man*”, o nome dado tanto a fotografia, quanto ao documentário<sup>xx</sup> sobre a presença dos jumpers, explora, escancara e desnuda todo o sentimento de onipotência dos Estados Unidos, assim como trata de uma ferida para todos aqueles que presenciaram os atos dos jumpers.

Na manhã do dia 12, a América preferia lembrar dos atos heroicos de resgate das vítimas, para que o espírito Americano prevalecesse, por isso, tratou de varrer esses sujeitos para longe da História, porém, atos como os que ocorreram, jamais devem ser esquecidos, por tal motivo, temos o documentário já referido, assim como busca-se tratá-los neste texto.

Figura 1 - Homem em queda livre após saltar do World Trade Center.



Fonte: Drew, 2001

Enquanto isso as duas torres estavam em chamas, as pessoas que assistiam do solo estavam traumatizadas pelo que estavam presenciando, não somente pelo horror do

atentado, mas também pelos corpos caindo. Aqueles, presos nos andares superiores estavam sendo forçados a uma decisão impossível. O fogo continuava a se espalhar, havendo um longo período em que as pessoas apenas quebravam as janelas e sacudiam panos e objetos para fora, desesperadas por socorro, penduradas nas janelas em busca de ar puro, até o momento de não haver alternativa e uma sentença precisar ser tomada.

Apesar dos jornais estarem repletos de notícias no dia 12 de setembro, nenhuma estação de TV estava tratando sobre os jumpers. Richard Drew decidiu enviar sua foto para vários jornais, mas a maioria das devolutivas continham respostas negativas à publicação.

Assim, o jornal “The Morning Call”, da Pensilvânia, decidiu estampar a foto capturada por Drew na página atrás da primeira sessão do jornal, mostrando-a maior do que qualquer jornal do país ousou fazer. Eles sabiam que haveria raiva e revolta pelo tema sensível, mas

sentiam que precisava ser feito, aquelas pessoas representadas em uma foto tão disruptiva não podiam ser apagadas. Michael Hirsch, editor do jornal “The Morning Call” falou sobre a decisão em

“(…) é como um soco no estômago, uma imagem muito forte e difícil de olhar. Você sente que é um momento privado, se sente quase obsceno por estar olhando, sente como se estivesse tirando um pouco da humanidade dessa pessoa” (HIRSCH, *The Falling Man*, 2006).

Assim, 175 mil cópias do jornal que carregava a foto do “falling man” foram distribuídas. Não tardou para que centenas de reclamações chegassem ao jornal, ordens para que fosse retirado de circulação e afastado das crianças, afirmações de desrespeito e ameaças de boicote. Os editores do jornal não tinham como ver tal reação de forma diferente, a foto tocava em um ponto muito sensível aos americanos, a idealização de sua cultura, a sensação de perfeita integridade, uma construção de décadas que fundamentou a consciência de perfeita segurança e intangibilidade do povo, a perda da inocência. O autor da fotografia afirmou “realmente te impacta de um jeito diferente, eu não vejo como a morte de uma pessoa, mas uma parte da vida dela”<sup>xxi</sup>.

Portanto a imprensa e a nação de forma geral, buscaram não confrontar mais a existência dos jumpers. A foto desapareceu da vista pública em um ato espontâneo de autocensura, a população buscava celebrar as fotos dos resgates. Entretanto, a foto não desapareceu da mente do escritor Tom Junod, que, intrigado pelo apagamento da

fotografia, ligou para o escritório do legista de Nova York para obter informações de quantas pessoas teriam saltado das torres, porém, a resposta que recebeu do escritório foi que não havia existido pessoas que pularam, “houveram pessoas que foram forçadas a sair, não falamos que eles pularam, ninguém pulou das torres” (JUNOD, *The falling man*, 2006). Os jumpers se tornaram um “assunto proibido” nos EUA, um tabu no ocorrido, as pessoas não deveriam falar sobre ou vê-los, dessa forma, a fotografia de Drew, a seu ver, foi um ato de resistência à vontade da moral americana de excluir esses indivíduos da narrativa.

O impacto que perdura na sociedade americana reconfigura as diversas esferas de vivência dos cidadãos, desde manifestações políticas, sociais e que resvalaram no nascimento de produções culturais como filmes, séries, documentários e a criação da narrativa própria estadunidenses acerca do ocorrido: seja na exclusão de agentes - como é o caso dos jumpers - ou mesmo “na compreensão do evento traumático e na contrarreação ao terror. É neste mundo onde nascem as produções culturais “filhas do seu tempo”<sup>xxii</sup>.

## 5. A RECONFIGURAÇÃO DO AMERICAN DREAM?

"(...) Que inimigo? Onde ele estava? Havia um inimigo convencional, isto é, um país? (...) O inimigo não tinha identidade nem vinha de um país com fronteiras.”

(Tota)

Sabe-se que os estadunidenses não haviam ainda vivenciado um ataque tão frontal e violento, dentro de seu próprio país, quanto o 11 de setembro, principalmente o ataque ao World Trade Center, em Nova York. Dessa forma, a indignação, o medo e a aversão foram instaurados na população, tanto de forma local, quanto no âmbito nacional.

Apesar de tais sentimentos serem reais e presentes no país, alguns meses após o atentado, as autoridades públicas dos Estados Unidos implantam e mudam políticas públicas, assumindo o controle do país e ultrapassando alguns direitos civis. São implantadas políticas de repressão aos estrangeiros – principalmente os de origem muçulmana e árabe – e de controle, juntamente com a invasão de privacidade dos próprios cidadãos americanos, entrando em conflito até mesmo com a Lei dos Direitos Humanos<sup>xxiii</sup>.

Deve-se lembrar que antes dos atentados, os EUA estavam em um momento de ascensão pós Guerra Fria, em um avanço acumulado de 10 anos, chegando ao período de maior estabilidade, podiam ser comparados até mesmo à Roma Imperial, já que detinham uma autoridade para definir o processo de globalização em ordem mundial. Assim, com os ataques, os EUA se posicionaram de forma diferente do que já haviam se situado em conflitos anteriores. Desta vez, a potência não buscou aliados em outros países, mas assumiu um lugar de que a guerra seria entre a essência do “bem contra o mal”, sendo respectivamente, EUA contra Árabes, mulçumanos, Coreia do Norte e Síria. Naturalmente as nações se aproximaram dos Estados Unidos, já que, como o próprio presidente G. Bush afirmou “quem não estiver com os EUA, estarão contra”<sup>xxiv</sup>.

O primeiro ponto a ser considerado é a alteração na privacidade dos cidadãos estadunidenses. Desde a década de 1960, já havia a preocupação da população em relação à supervisão das comunicações telefônicas, praticada pelo governo com o intuito de prevenir ações de grupos radicais. Assim, nos anos 2000, em um contexto de fragilidade nacional, houve um aumento nas medidas de monitoramento, que incluíam vigilância de telefonemas e a utilização de informantes, tanto em nível nacional quanto internacional. Esses desenvolvimentos tornaram-se particularmente evidentes em Nova York, onde, durante uma manifestação pacífica contra a postura do governo em relação à guerra, a polícia abordou alguns participantes, gerando intimidação e questionamentos sobre suas associações políticas.

Em segundo lugar, é preciso enfatizar as mudanças ocorridas nos processos judiciais após o atentado. Isso porque, após a data da tragédia, qualquer projeto que já estivesse em decorrência, ou que tenha se iniciado, envolvendo pessoas de origem árabe ou mulçumana – ou mesmo cidadãos americanos com qualquer ligação com o povo árabe – estava passível de monitoramento extremo, principalmente as reuniões entre réus e advogados, não importando se o caso tinha alguma ligação com atos de terrorismo<sup>xxv</sup>. Apesar de toda a questão dos processos criminais, outro aspecto se apresentou muito mais frequente como forma de xenofobia e preconceito, sendo as detenções de indivíduos árabes, sem justa causa, que se intensificaram após o 11 de setembro. Paul Chevigny deixa claro que imediatamente após os ataques terroristas “o governo efetuou a captura de centenas de pessoas, sobretudo estrangeiros, e praticamente todas, até onde pude perceber, com sobrenome muçulmano ou árabe”<sup>xxvi</sup>.

As organizações humanitárias tentaram contestar as ações do governo, mas não tiveram sucesso, resultando no bloqueio de informações ao público e à mídia. Essa

abordagem dificultou a identificação e a humanização das pessoas afetadas, o que pode ter contribuído para a falta de empatia e engajamento por parte da população. Além disso, com um grande número de detenções, as agências como o FBI, CIA e Serviço de Imigração enfrentaram dificuldades para atender à alta demanda de trabalho, e a ausência de pressão social comprometeu ainda mais a agilidade dos processos. Ademais, em algumas situações, os detidos permaneceram incomunicáveis por meses, sem contato com familiares ou advogados, e não tinham permissão para solicitar habeas corpus.

Quando analisamos as relações internacionais e de política mundial dos Estados Unidos pós 11 de setembro, podemos notar as mudanças de posicionamentos e decisões nas relações com outros países e, especificamente, com o Brasil. Apesar de o Brasil estar em uma área relativamente afastada de ataques terroristas, também foi atingido pela reação dos EUA aos ataques. Rubens Barbosa fala que “O mundo pós-11 de setembro não mudou, mas a agenda da política mundial modificou-se, não tanto pela ação em si dos terroristas, como pela demonstração da vontade de poder da maior potência de nossa época”<sup>xxvii</sup>. A partir daquele momento houve uma certa pressão acerca das áreas que os países que estavam “do lado dos EUA” deveriam investir, entendia-se que tais áreas deveriam ser estratégicas para a proteção do país, assim como de assistência e saúde. Da mesma forma, a atenção para um novo regulamento para a formalização de transações financeiras internacionais relacionadas ao terrorismo estava presente, portanto, o combate à corrupção, narcotráfico, lavagem de dinheiro estava em ação mais contundente<sup>xxviii</sup>.

Deveria ser investido em segurança, tanto nos aeroportos destes países, quanto internamente, procurando o trabalho conjunto de diversas inteligências e polícias, para que, com a cooperação – voluntária ou não - e informação de tantas nações, seria possível a coordenação de informações. É importante citar que tanto o FBI, quanto a CIA eram responsáveis por essa organização. Acerca da política externa específica para o Oriente Médio, os EUA mostraram instabilidade entre o unilateralismo e o multilateralismo. No sentido de que, ao mesmo tempo que bloqueava esses países, de forma econômica ou política, também aprovava resoluções que os favoreciam. Já pensando nos países da União Europeia, Japão, China e Rússia, não houve grandes mudanças de poder ou posições, mas sim de prioridades<sup>xxix</sup>. A mudança mais nítida que encontramos é a relação dos Estados Unidos com o mundo. Isso porque, os EUA conseguiram aumentar de forma significativa as coligações com diversos países, antes inimigáveis, como Rússia e China. Mesmo não tendo alterado o arranjo das relações internacionais, Barbosa afirma que “A ‘Pax

Americana' está instaurada e deverá permanecer como um referencial para as próximas décadas, restando saber até que ponto contribuirá para assegurar a manutenção da paz e da estabilidade internacionais”<sup>xxx</sup>.

O Brasil teve uma rápida reação em relação ao atentado, tendo em vista o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), fortalecendo assim, o sistema de defesa e apoio mútuo dos países americanos. Apesar de o Brasil não estar com seu foco em segurança em 2001, o evento trouxe para o centro essa política e deixou de lado outros pontos que traziam mais vantagens para o Governo brasileiro, como o desenvolvimento e o comércio. Dessa forma, o ponto mais afetado do Brasil com o atentado foi o âmbito financeiro, e não o político – como se esperaria. Barbosa explica sobre

O Brasil, assim como outros países da região, sentiu de forma mais intensa e direta os efeitos potencialmente recessivos das “consequências econômicas do terror”, tendo-se preparado para uma nova reversão de expectativas em relação aos fluxos globais de comércio e finanças (BARBOSA, 2002, P. 84).

Apesar das consequências terem seguido uma direção contrária ao que se imaginava, a nova estrutura estabelecida pelos EUA de “bem versus mal”, afetou o Brasil nas relações com países considerados “inimigos” pelos Estados Unidos, já que significaria um grande perigo tomar uma posição contrária a uma das maiores potências mundiais. Portanto, o Brasil iniciou sua política de guerra ao terrorismo com medidas de coordenação de agências de segurança, assim como, com a implementação de sistemas inibidores da utilização transfronteiriça de sistemas bancários para fins criminosos.

No impacto cultural, se fez presente o trauma ocidental do terrorismo, evidenciado em filmes como Guerra ao Terror, de 2008, onde relata as vivências de soldados estadunidenses em solo iraquiano. Tal produção mostra a cultura pulsante acerca do tema - não é à toa que a película foi premiada com o Oscar de Melhor Filme em 2010. Da mesma forma, o filme A Hora Mais Escura (2012), que retrata a caçada a Osama Bin Laden, ilustra como a perspectiva estadunidense influencia a construção dessas produções e como a indústria cinematográfica valida essas narrativas por meio de premiações. É como David Pimenta caracteriza as produções do pós atentado, em que “enredos de diversas produções culturais derivaram para a incerteza, insegurança e perda”<sup>xxxi</sup>.

O impacto se estende além de Hollywood, permeando a literatura e a historiografia, ao mesmo tempo em que procura estabelecer um tabu sobre os jumpers e ressalta as ações norteamericanas no Afeganistão e no Iraque. A paranoia, que esteve adormecida desde a Guerra Fria contra a União Soviética, ressurgiu em um contexto de represálias, com ações

internas associadas à autovigilância entre os cidadãos, como argumenta Antonio Tota ao observar que, ônibus transportam avisos como: “if you see something, say something” (se vir algo suspeito, informe a autoridade mais próxima)<sup>xxxii</sup>.

Sendo assim, a semelhança do período da Guerra Fria, essas ações levantam questionamentos sobre a compatibilidade do sonho americano com uma postura de rejeição a estrangeiros. O aumento da xenofobia em um país considerado livre e cheio de oportunidades agora pode ser interpretado como um olhar desconfiado em relação aos “de fora”.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção narrativa acerca do 11 de setembro diverge em vários âmbitos, se <sup>xxxiii</sup>olharmos para dentro das discussões estadunidenses emergem tabus pautados em como o sonho americano deve ser mantido, mesmo com a constante vigilância do governo e conseqüentemente a paradoxalidade da liberdade posta em cheque. Os jumpers são a principal questão dessas análises, pois, o ato de pular, em um esforço desesperado para se salvar — ou uma alternativa para a forma de partir — revela aspectos que o modo de vida americano, American Way of Life, rejeita. Isso destaca que as pessoas nas torres em chamas, independentemente de serem influenciadas por uma religião civil, pelo conceito de Destino Manifesto, ou por um forte orgulho nacional, revelam a fragilidade em que os Estados Unidos se encontrava naquele momento.

Em linhas gerais, assim como a águia de cabeça branca se empoleira, voa e mergulha para capturar seu alvo, os Estados Unidos adotaram uma postura semelhante em relação ao inimigo invisível. Essa abordagem legitimou ações questionáveis, bem como a seleção de memórias sobre os eventos — excluindo alguns aspectos e destacando outros — o que impactou a geopolítica e a história do início do século XXI, e ecoa até os dias atuais.

---

### Notas

<sup>i</sup> REIS, Eliana Lourenço de Lima. O que restou do sonho americano?. Cadernos de Tradução (UFSC) , Florianópolis, v. 7, p. 127- 146, 2001.

<sup>ii</sup> TOTA, Antonio Pedro. Os americanos. - 1. ed., 1a reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013, p. 15.

- iii *Ibidem*, p. 182.
- iv KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; ESTEVAM, Fernandes Luiz; MORAES, Marcus Vinícius de. História dos Estados Unidos : das origens ao século XXI. – São Paulo: Contexto, 2007, p. 242-243.
- v *Ibidem*, p. 243.
- vi *Ibidem*, p. 262.
- vii TRAUMANN, Andrew Patrick. Os Falcões Pousaram: o Papel da ONU no Conflito EUA-Iraque (1990-2003). *Revista Urutáguia (Online)*, v. 15, p. 139, 2008.
- viii Andrew Patrick Traumann centra suas discussões acerca da invasão ao Iraque em 2003 nas questões do petróleo e do papel estadunidense e da ONU nesse cenário. Levando em conta o período que o autor escreveu e fez a pesquisa, isso demonstra os impactos da crise mundial do petróleo de 2008 no entendimento da atuação dos EUA nos anos 90 no Oriente Médio.
- ix *Ibidem*, p. 143.
- x EBRAICO, Paula Rubea Bretanha Mendonça. As Opções de Geopolítica Americana: o caso Golfo Pérsico. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Relações Internacionais, 2005, p. 102.
- xi Organização anteriormente financiada e fortalecida pelos EUA na segunda metade do século XX, mais especificamente nos anos de 1980. Leandro Karnal (2007) afirma que o apoio prestado pelos estadunidenses nesse período a Al-Qaeda, visando retomar o Afeganistão da União Soviética, acabaria assombrando o país depois - referindo-se ao 11 de setembro (KARNAL, 2007, p. 262).
- xii FRANCE-PRESSE, Agence. Leia mensagens atribuídas a Osama bin Laden desde 2001. *G1: Mundo*. 2011, Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/mensagens-atribuidas-a-osama-bin-laden.html>. Acesso em: 04/12/2022.
- xiii DUARTE, Simone. O vento mudou de direção: o Onze de Setembro que o mundo não viu. – São Paulo: Fósforo, 2021, p. 12.
- xiv A razão de terem sido escolhidos voos que atravessasse toda a extensão dos Estados Unidos, os 4.815 km entre Boston e Los Angeles, era que, com os tanques de gasolina cheios, os danos aos prédios seriam maiores, já que o fogo se espalharia mais rapidamente, levado pelo líquido inflamável.
- xv David Pimenta (2021) analisa o impacto e o trauma cultural que isso causou na sociedade ocidental - mais especificamente a estadunidense. Resenhando a obra “September 11, 2001 as a Cultural Trauma” (2017) de Christine Muller, ele ressalta que o fato do segundo avião ter sido televisionado para milhões de pessoas abre margem para a discussão do “impacto duradouro do 11 de setembro enquanto acontecimento traumático ao nível cultural com manifestações diversas” (p. 410).
- xvi Um código de segurança que deve ser repetido três vezes, apontando situações extremamente perigosas.
- xvii SILVA, Graciella Fabrício da. “Calmos numa época de tempestade”: o sonho americano e o propósito nacional dos Estados Unidos. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho, 2011, p. 1-10.
- xviii REIS, Eliana Lourenço de Lima. O que restou do sonho americano?. *Cadernos de Tradução (UFSC)*, Florianópolis, v. 7, p. 129, 2001.

- <sup>xix</sup> A família de Jonathan Briley alega que a pessoa que está caindo é ele, porém eles se baseiam na semelhança que as roupas têm. Não há provas concretas que esse homem seja realmente Jonathan Briley.
- <sup>xx</sup> 9/11 The Falling Man”. Direção: Henry Singer. Produção: Henry Singer. Local: Inglaterra, 2006.
- <sup>xxi</sup> DREW, The Falling Man, 2006.
- <sup>xxii</sup> Muller, Christine. September 11, 2001 as a Cultural Trauma. New Haven, USA: Palgrave Macmillan, 2017.
- <sup>xxiii</sup> CHEVIGNY, Paul. A Repressão Nos Estados Unidos Após O Atentado De 11 De Setembro. Ciências Penais: Revista da Associação Brasileira de Ciências Penais, v. 12, n. 47, p. 386-407, mar./abr. 2004.
- <sup>xxiv</sup> BARBOSA, Antônio Rubens. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 45, n. 2, p. 74-91, jan. 2002.
- <sup>xxv</sup> CHEVIGNY, Paul. A Repressão Nos Estados Unidos Após O Atentado De 11 De Setembro. Ciências Penais: Revista da Associação Brasileira de Ciências Penais, v. 12, n. 47, mar./abr. 2004. p. 158). <sup>xxvi</sup> Ibidem.
- <sup>xxvii</sup> BARBOSA, Antônio Rubens. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 45, n. 2, p. 72, jan. 2002.
- <sup>xxviii</sup> SUGAHARA, Thiago Yoshiaki Lopes. Terrorismo e insegurança no mundo pós 11 de setembro. 2008. 105 f. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2008
- <sup>xxix</sup> RICUPERO, R. O mundo após o 11 de setembro: a perda da inocência. Tempo Social, v. 15, n. 2, p. 9 – 30, nov. 2003.
- <sup>xxx</sup> BARBOSA, R. A. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 45, n. 2, p. 74-91, jan. 2002.
- <sup>xxxi</sup> PIMENTA, David. “Resenha dos livros September 11, 2001 as a Cultural Trauma, de Christine Muller; e How Nations Remember: a narrative approach, de James Wertsch”. Locus: Revista de História, 27, n.2 (2021), p. 411.
- <sup>xxxii</sup> TOTA, Antonio Pedro. Os americanos. - 1. ed., 1a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013, p. 273.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

09/11: The Falling Man. Direção: Henry Singer. Produção: Henry Singer. Local: Channel 4, 2006.

AVIÕES E MÚSICA. Voo 77, o impacto no Pentágono. Youtube, 25 de setembro de 2023. 19min10s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nwQZM8wnrpM&t=1022s>.

BARBOSA, Antônio Rubens. Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 45, n. 2, p. 74-91, jan. 2002.

CHEVIGNY, Paul. A Repressão Nos Estados Unidos Após O Atentado De 11 De Setembro. *Ciências Penais: Revista da Associação Brasileira de Ciências Penais*, v. 12, n. 47, p. 386-407, mar./abr. 2004.

DUARTE, Simone. O vento mudou de direção: o Onze de Setembro que o mundo não viu. – São Paulo: Fósforo, 2021, p. 12.

EBRAICO, Paula Rubea Bretanha Mendonça. As Opções de Geopolítica Americana: o caso Golfo Pérsico. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Relações Internacionais, 2005, 136p.

FRANCE-PRESSE, Agence. Leia mensagens atribuídas a Osama bin Laden desde 2001. G1: Mundo. 2011, Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/mensagens-atribuidas-a-osamabin-laden.html>. Acesso em: 04/12/2022.

MULLER, Christine. September 11, 2001 as a Cultural Trauma. New Haven, USA: Palgrave Macmillan, 2017.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. O que restou do sonho americano?. *Cadernos de Tradução (UFSC)*, Florianópolis, v. 7, p. 127-146, 2001.

RICUPERO, Rubens. O mundo após o 11 de setembro: a perda da inocência. *Tempo Social*, v. 15, n. 2, p. 9 – 30, nov. 2003.

SILVA, Graciella Fabrício da. “Calmos numa época de tempestade”: o sonho americano e o propósito nacional dos Estados Unidos. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho, 2011, p. 1-10.

SUGAHARA, Thiago Yoshiaki Lopes. Terrorismo e insegurança no mundo pós 11 de setembro. 2008. 105 f. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2008.

TOTA, Antonio Pedro. Os americanos. - 1. ed., 1a reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.  
TRAUMANN, Andrew Patrick . Os Falcões Pousaram : o Papel da ONU no Conflito EUA-Iraque (1990-2003). *Revista Urutágua (Online)* , v. 15, p. 139, 2008.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; ESTEVAM, Fernandes Luiz; MORAES, Marcus Vinícius de. *História dos Estados Unidos : das origens ao século XXI*. – São Paulo : Contexto, 2007.